

TRABALHOS DE PESQUISA

SEXO ORAL: CONHECIMENTOS SOBRE A PRÁTICA E A PREVENÇÃO DE IST ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Carine Pacheco Alexandre¹, Carla Santos Almeida¹, Alicia Kerly da Silva Andrade¹, Ana Gabriela Álvares Travassos²

ORAL SEX: KNOWLEDGE ABOUT ITS PRACTICE AND THE PREVENTION OF STIS AMONG UNIVERSITY STUDENTS

SEXO ORAL: CONOCIMIENTOS SOBRE SU PRÁCTICA Y LA PREVENCIÓN DE ITS ENTRE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Resumo: A sexualidade humana é um conjunto de expressões e comportamentos individuais que são influenciados por múltiplos fatores. O sexo oral é uma prática sexual frequente entre os jovens, e que traz riscos pouco difundidos para infecções sexualmente transmissíveis. Objetivo: estudar a relação entre o conhecimento sobre uso de métodos para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e a prática de sexo oral seguro por jovens universitários da área da saúde. Metodologia: Estudo transversal, descritivo e analítico. A coleta foi realizada no Departamento de Ciências da Vida na Universidade do Estado da Bahia. Os universitários foram convidados a preencher um questionário anônimo e autoexplicativo com questões sobre práticas sexuais e conhecimentos sobre infecções sexualmente transmissíveis. Resultados: A amostra constou em 226 estudantes dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina e Nutrição. Sobre as práticas sexuais dos participantes, 157 (69,8%) realizam sexo oral, porém, 70,6% (120) nunca utilizaram condom ao menos uma vez na vida e apenas 7,8% (13 estudantes) usam camisinha regularmente. Não encontramos correlações entre conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e uso regular de camisinha no sexo oral. Conclusão: O uso reduzido de preservativos na prática oral é fator de risco importante para transmissão de infecções sexualmente transmissíveis. Apenas o conhecimento sobre essas infecções não é o único fator relacionado ao uso de camisinha no sexo oral. Visto que há poucos artigos sobre essa temática, este estudo amplia o debate sobre sexo oral seguro na população jovem universitária.

Palavras-chave: Prevenção; Comportamento sexual; Sexo oral; IST; Infecções sexualmente transmissíveis; Adulto jovem.

Abstract: Human sexuality is a set of individual expressions and behaviors that are influenced by multiple factors. Oral sex is a frequent sexual practice among young people, and it carries little-known risks for sexually transmitted infections. Objective: This article aims to study the relation between knowledge about use of methods for sexually transmitted infections (STIs) prevention and practice of safe oral sex by young university students of health field. Methodology: This study has a cross-sectional design. The collection was carried out at Departamento de Ciências da Vida at the Universidade do Estado da Bahia. The participants were invited to fill in an anonymous and self-explanatory questionnaire related to practical issues and knowledge about STIs. Results: The sample consisted of 226 students from nursing, pharmacy, physiotherapy, speech therapy, medicine, and nutrition. Regarding of the sexual practices of the participants, 157 (69.8%) practice oral sex, however, 70.6% (120) never used condoms at least once in their lives and only 7.8% (13 students) used condoms regularly. We found no correlations between knowledge about STI transmission and regular condom use in oral sex. Conclusion: The reduced use of condoms in oral practice is an important risk factor for STI transmission. Just have knowledge about STIs is not the only factor related to condom use in oral sex. Since there are few articles on this topic, this study expands the debate about safe oral sex in the young university population.

Keyword: Prevention; Sexual Behavior; Oral Sex; STI; Young Adult.



¹Graduanda de Medicina pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências da Vida, Salvador, Brasil. carinepachecoale25@gmail.com; carla_reb@hotmail.com; aliciakerly@gmail.com

²Doutora em Medicina e Saúde – UFBA. Professora Adjunta, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências da Vida, Salvador, Bahia. atravassos@uneb.br

Resumen: La sexualidad humana es un conjunto de expresiones y comportamientos individuales en los que influyen múltiples factores. El sexo oral es una práctica sexual frecuente entre los jóvenes y conlleva riesgos poco conocidos de infecciones de transmisión sexual. **Objetivo:** Estudiar la relación entre el conocimiento sobre el uso de métodos para la prevención de infecciones de transmisión sexual (ITS) y la práctica del sexo oral seguro por parte de estudiantes universitarios de la salud. **Metodología:** Estudio con enfoque transversal. Se recopilaron datos en el Departamento de Ciencias de la Vida de la Universidad Estatal de Bahía. Se pidió a los sujetos que completaran una encuesta anónima y autoexplicativa con preguntas sobre prácticas sexuales y conocimientos sobre las ITS. **Resultados:** La muestra estuvo formada por 226 estudiantes del curso de Enfermería, Farmacia, Fisioterapia, Fonoaudiología, Medicina y Nutrición. 157 (69,8%) realizan sexo oral, sin embargo, 70,6% (120) nunca ha utilizado preservativo al menos una vez en la vida y solo el 7,8% (13 estudiantes) utiliza preservativo por costumbre. No encontramos correlaciones entre el conocimiento sobre la transmisión de ITS y el uso regular de condones. **Conclusión:** El uso reducido de preservativos en la práctica oral es un factor de riesgo importante para la transmisión de ITS. Solo el conocimiento sobre las ITS no es el único factor relacionado con el uso del condón en el sexo oral. Amplía el debate sobre el sexo oral seguro en la población joven universitaria.

Palabras clave: Prevención; Conducta Sexual; Sexo Oral; ITS; Adulto Joven.

Introdução

A sexualidade humana é um conjunto de expressões e comportamentos individuais que são influenciados tanto por fatores biológicos quanto por razões psicológicas e sociais (BROTTO et al., 2016; NIMBI et al., 2021). É a energia vital humana que impulsiona a busca pelo prazer, dá vazão a sentimentos nobres como o amor, construindo um vínculo com a homeostase, a afetividade e as relações sociais (BEARZOTI, 1994). Porém, ainda hoje é uma temática de difícil conceituação por ser repleta de tabus e distorções e, conseqüentemente, é reduzida ao sinônimo de uso dos genitais ou reprodução. Dentre as práticas relacionadas à sexualidade humana, tem-se o sexo oral, que corresponde a penetração dos órgãos genitais e ânus através da boca, utilizando-se também lábios e língua (ANTUNEZ; MATHIAS, 2013; HILLE; CLÓVIS MARZOLA, 2014).

Na população jovem que possui vulva, o sexo oral é tão prevalente quanto sexo penetrativo vaginal (HOLWAY; HERNANDEZ, 2018). Possui preferência entre universitárias com idade entre 18 e 30 anos (SANCHES; TEIXEIRA; RODRIGUES JÚNIOR, 2021), sendo uma prática que inicia a vida sexual de pessoas com vulva, precedendo a primeira relação sexual penetrativa vaginal (GUZZO; LANG; HAYFORD, 2019). Por ser uma atividade que expõe mucosas a secreções e contato com a pele, oferece riscos de transmissão para infecções sexualmente transmissíveis e sua prática precisa estar acompanhada de métodos de prevenção.

As infecções sexualmente transmissíveis (IST's) constituem todas as infecções em que a principal via de contágio é o contato sexual, sendo considerado de risco sem o uso de métodos de proteção. É importante salientar que nem toda a infecção do trato genital é uma IST. As IST's podem ser de etiologia bacteriana, viral ou parasitária. A maioria evolui de forma assintomática, o que torna o diagnóstico um desafio para profissionais da saúde. Há também um grande estigma social em relação a pessoas infectadas por estes agentes etiológicos e muitos não procuram ajuda médica, o que dificulta ainda mais a assistência a essas infecções. Podem coexistir mais do que uma IST no mesmo indivíduo e a sua presença potencializa o risco de coinfeção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) (MOLEIRO et al., 2015).

Apesar do risco menor de transmissão quando comparado com o sexo penetrativo vaginal e anal, o sexo oral também é um meio importante de contágio de IST's. Há quatro formas de transmissão de doenças por meio do sexo oral ou contato oral: transmissão por contato direto com epitélio ou mucosa, cujos mais frequentes são os vírus, como HPV e herpes, destaca-se um aumento do risco de ocorrência de câncer de boca e orofaringe nas infecções por HPV oncogênicos (ANTONSSON et al., 2022; PAULI et al., 2022); através do sangue, em que na presença deste durante o sexo oral, podem ser transmitidos o HIV, a hepatite B, a hepatite C e a sífilis; através das secreções, pode ser transmitida a gonorreia e a Chlamydia; e ainda pela transmissão vertical: o vírus do HPV adquirido no canal de parto da mãe pode se estabelecer na cavidade oral do(a) filho(a), podendo, assim, ser transmitido, posteriormente, à parceria.

Como o sexo oral não está relacionado à possibilidade de reprodução e existe um tabu acerca dessa

prática, alguns profissionais da saúde desconhecem a abordagem e a conscientização sobre os cuidados necessários (ANTUNEZ; MATHIAS, 2013). A Hepatite A, infecção prevenível através de vacinação, transmite-se principalmente através do contato oral-fecal, com alimentos e água inseguros. Apesar de não ser considerada como IST, é transmitida também através do contato sexual, principalmente sexo oral boca-ânus, sendo necessário orientação à população e vacinação dos grupos vulneráveis (MELLO et al., 2022). Existem formas de prevenção combinada disponíveis em serviços de saúde públicos como a vacinação contra a Hepatite B e o HPV, testagem para diagnóstico e tratamento precoce das IST, o uso de profilaxia pré-exposição (PrEP) e pós-exposição (PEP) ao vírus do HIV que podem ser divulgadas para a sociedade e os jovens, em especial (BRASIL. et al., 2019).

Em relação às doenças transmitidas pelo sexo oral, o Papilomavírus humano (HPV) causa diversas lesões na cavidade oral e orofaringe como Papiloma escamoso, Hiperplasia epitelial focal e Carcinoma Epidermoide, tendo o sexo oral como sua principal forma de transmissão (FERNÁNDEZ-LÓPEZ; MORALES-ANGULO, 2017). Segundo estudo de corte transversal, na Grécia, com 1058 adultos filiados ao instituto anticâncer, 79,1% dos entrevistados sabiam sobre o perigo de contaminação por HPV no sexo oral desprotegido, porém 63,8% não mudaram sua conduta sexual (VLASTARAKOS; GKOUVALI; KATSOCHI, 2019). Os fatores de risco são: múltiplos parceiros, iniciação sexual com idade precoce, prática de sexo oral sem proteção e histórico de verrugas (DAHLSTROM et al., 2014). A Gonorreia, infecção causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae*, raramente apresenta sintomas orofaríngeos (<10%), o que dificulta o diagnóstico precoce. Contudo, o paciente pode apresentar tonsilite, gengivite, estomatite ou glossite. A prática do sexo oral é o fator de risco mais importante para desenvolver a infecção, sendo que é mais comum em mulheres heterossexuais e homens homossexuais (FERNÁNDEZ-LÓPEZ; MORALES-ANGULO, 2017). Atualmente se discute a ideia de dois modelos de transmissão em homens que fazem sexo com homens: o modelo orofaríngeo, em que a orofaringe pode transmitir e adquirir gonorreia da orofaringe, genitália ou ânus do parceiro; e o modelo peniano, sendo que o pênis pode transmitir ou adquirir a bactéria do pênis ou do ânus do parceiro (FAIRLEY et al., 2019). Infecções extragenitais não tratadas tornam-se reservatórios potenciais, sendo uma fonte importante de transmissão e pode aumentar o risco de infecção por HIV (CHAN et al., 2016).

O Linfogranuloma venéreo, infecção sexualmente transmissível causada pela bactéria gram-negativa intracelular obrigatória *Chlamydia trachomatis* (CHAN et al., 2016) também merece atenção quando se diz a respeito do sexo oral não seguro. Há evidências de que a Clamídia facilita a infecção por HPV e contribui para a persistência do vírus. Dessa forma, mesmo que na maioria das vezes a infecção seja assintomática, ela pode afetar mucosa genital e oral, sendo que esta última aumenta a chance de desenvolver câncer de cabeça e pescoço (MOSMANN et al., 2019). Quando sintomática, a clamídia causa apresentação inespecífica como linfadenopatia cervical, odinofagia e úlceras em língua.

Em relação ao vírus da imunodeficiência humana (HIV), sua principal forma de transmissão é a sexual, apesar da transmissão vertical e por transfusão sanguínea também serem importantes (CHAN et al., 2016). O sexo oral é pouco eficiente em transmitir HIV em comparação as outras modalidades de sexo porque a orofaringe é menos suscetível a infecção por HIV, em virtude de fatores biológicos e imunológicos que auxiliam no combate contra a instalação do vírus. É difícil estimar o risco real da transmissão do HIV por sexo oral comparado com sexo penetrativo vaginal e anal, pois durante o ato sexual, essas diferentes exposições ocorrem ao mesmo tempo. Mesmo assim, considera-se a transmissão do HIV por via oral biologicamente possível, embora necessite mais estudos nesse âmbito (PATEL et al., 2014).

Em relação ao sexo oral seguro, a principal forma de proteção durante a prática sexual nas pessoas com pênis, conhecido como fellatio, é o preservativo masculino ou peniano, conhecido como camisinha ou condom (TRAN et al., 2022). Tanto os de látex quanto os de poliuretano, quando usados da maneira correta diminuem as chances de adquirir IST (STROME et al., 2022). O uso da camisinha é amplamente estimulado pelas campanhas do Ministério da Saúde e sua distribuição é gratuita pelo Sistema Único de Saúde.

Quanto ao sexo oral na vulva, chamado cunilingus, ou no sexo oral em ânus, denominado anilingus, não existe um método de barreira desenvolvido especificamente para esta proteção. O preservativo vaginal não protege adequadamente, preconiza-se o uso de preservativo peniano cortado, em formato retangular, na vulva ou ânus e ainda o uso de barreiras orais de látex como o “dental dam” (CENTERS FOR DISEASE

CONTROL AND PREVENTION, 2017). Esses métodos são pouco conhecidos e divulgados, como os dental dams que não foram feitos, registrados ou testados para esse propósito (GIL-LLARIO et al., 2022). Ademais, não existem estudos que testam sua permeabilidade aos patógenos das IST's e provavelmente são menos impermeáveis que os preservativos, por terem uma camada mais fina de látex. Alternativas como plástico filme não são recomendadas, apesar de ser barato, disponível e mais aceito pelas mulheres, também não há estudos suficientes que delimitem a segurança do uso do plástico filme (RICHTERS; CLAYTON, 2010).

É importante ressaltar que as IST's são um problema de saúde pública atual no Brasil, com impacto importante na morbimortalidade. Elas são responsáveis pelas principais causas de infertilidade, abortamento e maior transmissibilidade do HIV (BRASIL. et al., 2019). Mesmo com as campanhas de prevenção e as divulgações sobre a AIDS e outras doenças transmitidas pelo ato sexual, os jovens brasileiros pouco conhecem sobre IST's (FONTE et al., 2018). Isso evidencia lacunas importantes nas ações de educação em saúde nesse público, inclusive no que tange à prática do sexo oral: adolescentes o praticam sem reconhecê-lo como fonte de contágio de IST (BRÊTAS et al., 2009). Além disso, nota-se que há pouco uso de métodos de proteção no sexo oral. Os estudantes brasileiros utilizam com maior frequência o condom quando realizam sexo penetrativo vaginal e menos quando do sexo oral, seja em pênis ou vulva (FALCÃO-JÚNIOR et al., 2007).

Mesmo com os riscos conhecidos associados ao sexo oral desprotegido, estudos sugerem subutilização de medidas de proteção, principalmente entre os jovens, seja por fatores culturais, desinformação, insatisfação com os métodos disponíveis (STROME et al., 2022). Compreender melhor essas lacunas e formas de modificar esta realidade tem sido pesquisado também em outros países.

Dessa forma, este estudo busca analisar a sexualidade do jovem universitário de cursos de graduação em saúde, a prática do sexo oral neste grupo e a prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis, de modo a compreender o comportamento sexual, conhecimento sobre o tema e identificar possíveis fatores associados ao uso ou ausência de uso de métodos de prevenção no sexo oral.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, realizado no Departamento de Ciências da Vida (DCV), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus I, na cidade de Salvador, no período de abril de 2019 até março de 2020, acerca do conhecimento sobre proteção no sexo oral por discentes de cursos de graduação de saúde. No estudo, a expressão sexo oral foi utilizada para se referir às atividades boca-pênis, boca-vulva e/ou boca-ânus, de acordo com o entendimento e a prática dos discentes. A amostra do estudo foi de conveniência, contemplando jovens universitários que cursam os diferentes cursos de graduação do DCV que se dispusessem a participar.

Os participantes foram convidados a preencher um questionário anônimo e autoexplicativo, nas salas de aulas, em cadeiras individuais. As pesquisadoras explicaram sobre a temática e objetivos do estudo. Os participantes responderam às perguntas sozinhos, no intuito de evitar sua exposição, e devolveram o questionário virado para baixo, dentro de uma caixa com tampa. Os questionários foram misturados na caixa, visando minimizar o risco de identificação do indivíduo. Àqueles que se recusaram a participar da pesquisa, não foram intimidados pela recusa.

Foram consideradas para análise dois blocos de variáveis: perfil sociodemográfico como idade, sexo, etnia, renda e estado civil. Já no segundo, estão presentes questionamentos sobre sexualidade: identidade, práticas sexuais e conhecimento sobre prevenção e transmissão de IST's no sexo oral.

Em relação aos critérios de inclusão, tem-se brasileiros, com matrícula ativa em qualquer curso de graduação, ofertado pelo DCV, no campus I da UNEB, com idade entre 18 e 29 anos. Foram excluídos os discentes com sinais de uso de álcool e/ou drogas, conforme os critérios da resolução do Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN) nº 206/06, como alterações de aparência (sonolência, olhos vermelhos) e alterações de atitude (agressividade, exaltação).

A pesquisa ocorreu de acordo com a Resolução 466/12 CNS. Os aspectos éticos e legais envolvendo a pesquisa com seres humanos foram respeitados, garantindo sigilo e anonimato, sendo que nenhum participante foi identificado em hipótese alguma. O estudo foi aprovado por Comitê de ética em Pesquisa (CEP) (Plataforma Brasil), sob o parecer nº 3.211.723 em março de 2019. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado e assinado por todos os participantes.

Para a análise estatística, foram avaliadas as frequências absolutas e relativas das variáveis estudadas. Utilizou-se testes paramétricos e não paramétricos, conforme o tipo de variável. O teste t de Student foi utilizado para as variáveis contínuas, como idade. Para avaliação das variáveis categóricas, realizou-se análise bivariada, através do teste de Qui-quadrado de Pearson e o teste exato de Fisher. Considerou-se estatisticamente significativa um $p < 0,05$, com intervalo de confiança (IC) de 95%. Os dados foram digitalizados no software Excel 16.0 (Office 2016) e analisados no SPSS 20.0. A redação do artigo foi elaborada conforme a ferramenta STROBE para estudos observacionais (https://strobe-statement.org/fileadmin/Strobe/uploads/checklists/STROBE_checklist_v4_cross-sectional.pdf).

Resultados

Durante o estudo, 249 alunos responderam ao questionário, sendo que 23 deles não correspondiam aos critérios de inclusão, todos excluídos por possuírem mais que 29 anos. A amostra foi composta de 226 estudantes, graduandos dos seguintes cursos de saúde: enfermagem, nutrição, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina e farmácia. O curso de Medicina representou a maior parte da amostra, sendo 49% (111) dos discentes. Em contrapartida, 3,5% (n=8) dos participantes eram do curso de Fisioterapia. Os cursos de enfermagem representaram 11,9% (n=27), farmácia 13,3% (n=30), fonoaudiologia 12,8% (n=29) e nutrição 9,3% (n= 21) do total da amostra.

Em relação à idade, a maioria dos alunos possuem idade menor ou igual a 23 anos. Quanto aos extremos de idade, 4,9% da amostra (n= 11) eram compostas por participantes de 18 anos e 1,8% (n=4) de 29 anos. Os estudantes eram majoritariamente do sexo feminino e cerca de 28% do sexo masculino, sendo que 2,2% (n=5) não preencheram esse dado. O estado civil mais prevalente foi solteiro, somente 4,4% (n=10) referiram ser casados/morar com companheiro(a), e 0,4% (n=1) ser divorciado(a). Em relação à etnia, a maioria se declarou parda e preta, os brancos compuseram 20,4%, 4,4% se autodeclararam indígenas e 3,1% informaram ser amarelos. A renda declarada pela maioria dos participantes foi de 1 a 2 salários-mínimos, seguido por de 2 a 5 salários mínimos com 26,1% dos participantes, apenas 0,9% da amostra declarou não possuir nenhuma renda. Dois participantes deixaram esse item em branco (Tabela 1).

Tabela 1 - Perfil sociodemográficos dos estudantes do Departamento de Ciências da vida - UNEB em 2020 (n=226).

Variáveis sociodemográficas	n	%
Idade		
Menor ou igual a 23 anos	161	71,2%
Maior que 23 anos	65	28,8%
Sexo*		
Feminino	158	71,2%
Masculino	63	28,5%
Estado civil		
Solteiro	215	95,1%
Casado/mora com companheiro	10	4,4%
Separado/divorciado	1	0,4%
Víúvo	0	0%
Etnia		
Pardo	98	43,4%
Preto	65	28,8%
Branco	46	20,4%
Índígena	10	4,4%
Amarelo	7	3,1%

Renda		
Até 1 salário mínimo	40	17,9%
De 1 a 2 salários mínimos	70	31,2%
De 2 a 5 salários mínimos	59	26,3%
De 5 a 10 salários mínimos	31	13,8%
Mais de 10 salários mínimos	22	9,8%
Nenhuma renda	2	0,9%
Total	226	100%

A orientação sexual mais prevalente foi de pessoas heterossexuais, representando 74,7% da amostra, seguido por quem faz sexo com pessoas do mesmo gênero com 9,8% e ambos os gêneros 6,2%. Nessa amostra, 9,3% relataram não ter relações sexuais com quaisquer pessoas, e um participante não respondeu à questão.

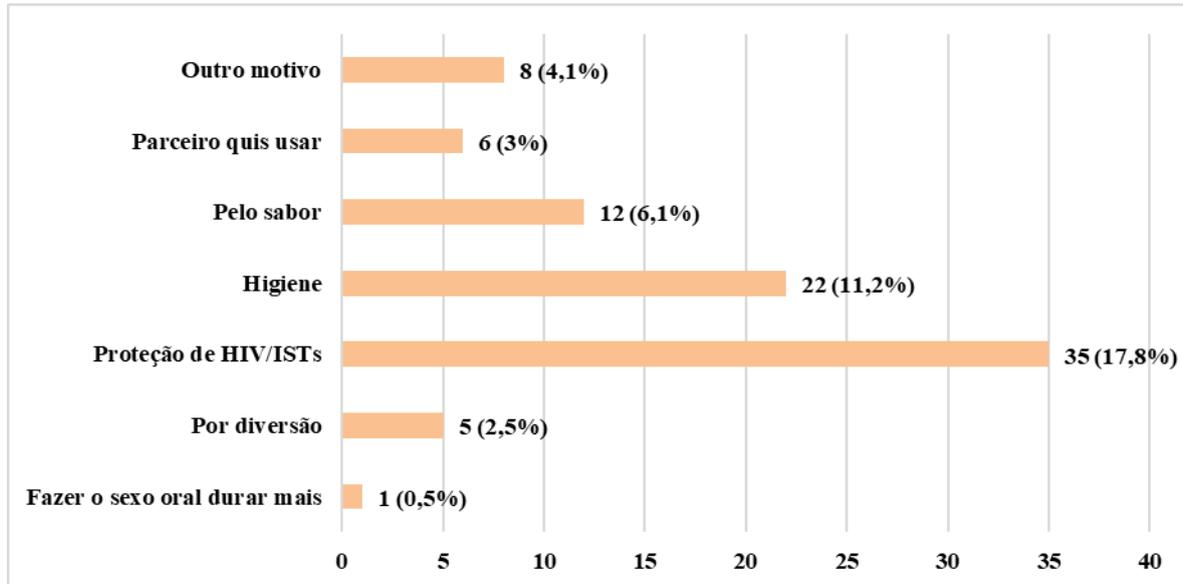
Em relação às práticas sexuais mais prevalentes, os participantes poderiam marcar mais de um tipo de prática, a maioria deles relataram ter mais de uma prática sexual. A mais frequente foi o sexo pênis-vagina que foi relatado por 71,6% dos participantes, seguido pelo sexo oral declarado por 69,8% dos indivíduos e sexo anal com 23,6% das respostas, havendo um dado ausente em cada modalidade. Quando estratificado a prática de sexo oral de acordo com o sexo do indivíduo, obtém-se como resultado que 65% das participantes que se autodeclararam do sexo feminino relataram praticar sexo oral, enquanto 82% dos participantes autodeclarados do sexo masculino relataram essa prática. O sexo anal como prática sexual assinalada seguiu um crescimento ao aumentar da idade. Entre os participantes de 18 anos, somente 3% tinham essa prática, com aumento para 13% para os jovens adultos de 23 anos.

Dos entrevistados, 175 estudantes (77,8%) relatam já terem feito sexo oral alguma vez na vida, ativamente ou passivamente, tendo resposta afirmativa entre 74,7% das pessoas autodeclaradas do sexo feminino e 87,1% das pessoas autodeclaradas do sexo masculino. Um total de 167 pessoas (75,6%) tiveram alguma vez na vida a experiência como praticantes ativos e 175 (78,8%) como praticantes passivos. Ainda, nos últimos 12 meses, 23% dos respondentes não possuíram nenhum parceiro de sexo oral, 49,1% tiveram um único parceiro e 27,9% praticaram essa modalidade de sexo com duas ou mais pessoas. Houve cinco participantes que não declararam essa categoria. Outrossim, não ocorreu correlação estatisticamente significativa entre quantidade de parceiros e uso de camisinha no sexo oral pelo teste exato de Fisher ($p=0,768$).

No âmbito da prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, o estudo mostrou que dentre os que praticam sexo vaginal, o uso regular de camisinha acontece em 68,8% dos entrevistados ($n=108$, 3 ausentes). Nos praticantes de sexo anal, 67,8% ($n=40$ e 2 ausentes) usam preservativos. Porém, em relação ao sexo oral, 70,6% ($n=120$) nunca utilizaram condom ao menos uma vez na vida e apenas 7,8% ($n=13$) alegaram usar camisinha regularmente. Houve apenas um estudante que não preencheu esse item. O resultado de uso de camisinha no sexo oral estratificado por sexo, foi que somente 8,1% ($n=9$) das pessoas da amostra do sexo feminino relataram já usar a camisinha nessa prática, e 5,6% ($n=3$) do sexo masculino. Dez jovens (5,7%) relataram já ter utilizado outros recursos de proteção para o sexo oral além da camisinha. Dos entrevistados, 85,7% ($n=191$) declararam não conhecer sobre outro método de proteção além da camisinha no sexo oral. Não houve correlação entre gênero ($p = 1,000$) e o uso regular de camisinha no sexo oral.

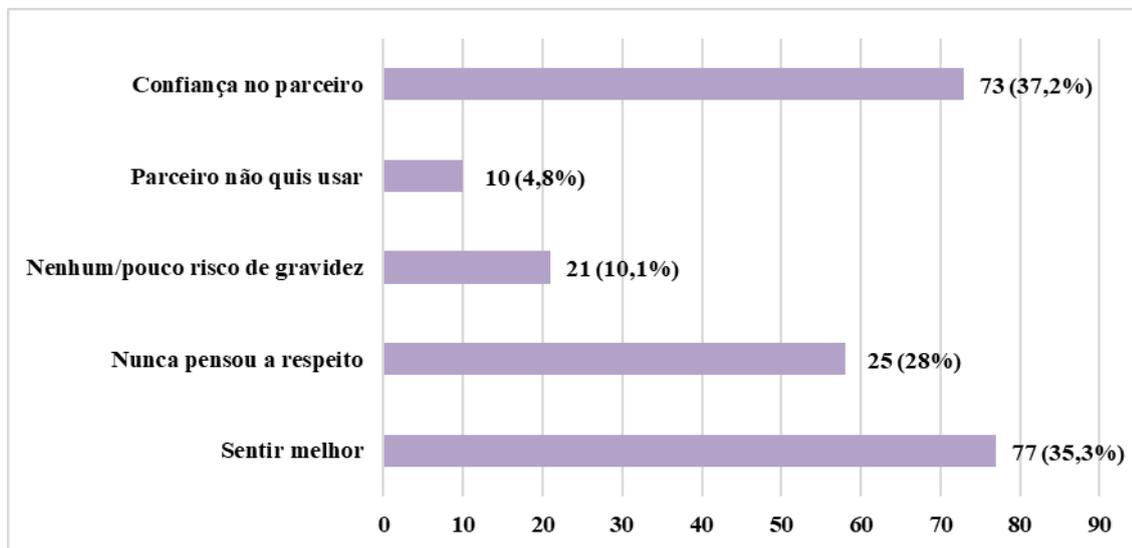
Sobre os motivos para o uso da camisinha no sexo oral, 0,5% dos participantes escolheram a resposta "Fazer o sexo oral durar mais", 2,5% escolheram "Por diversão", 17,8% optaram por "Proteção de HIV/IST's", 11,2% alegaram "Higiene", 6,1% escolheram "Pelo sabor", 3% optaram pela resposta "Parceiro quis usar", 4,1% definiram "Outro motivo" (Gráfico 5). Por fim, 98 pessoas (49,7%) marcaram a opção de nunca ter usado camisinha e 29 alunos deixaram esse questionamento em branco. Não foi encontrada correlação entre gênero e os motivos de uso de proteção através dos testes Qui-quadrado de Pearson e de Fisher ($p > 0,05$).

Gráfico 1 - Motivo do uso de camisinha no sexo oral pelos estudantes do Departamento de Ciências da vida - UNEB em 2020.



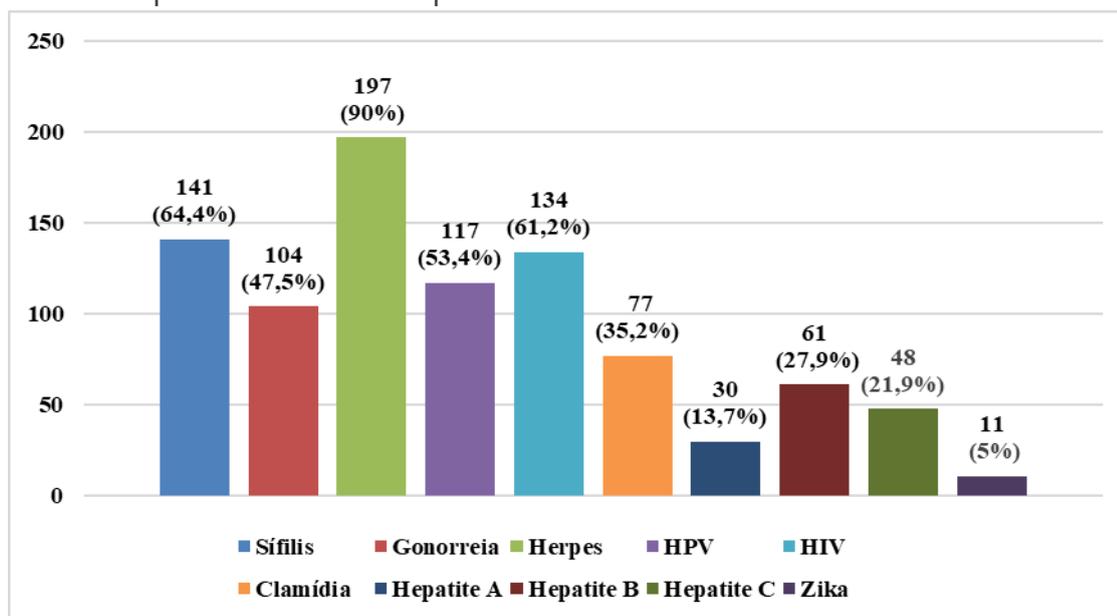
Referente aos motivos para o não uso de proteção, tem-se que 37,2% alegam “Sentir melhor”, 28% “Nunca pensou a respeito”, 10,1% “Nenhum/pouco risco de gravidez”, 4,8% “Parceiro não quis usar”, 35,3% “Confiança no parceiro(a)”, 3,4% “Sempre usei camisinha” (Gráfico 2). Também se verificou que 19 alunos não responderam a essa categoria. Ademais, não houve correlação entre motivos do não uso com o sexo e curso dos participantes ($p > 0,05$).

Gráfico 2 - Motivo do não uso de camisinha no sexo oral pelos estudantes do Departamento de Ciências da vida - UNEB em 2020.



Em relação ao conhecimento sobre o risco de transmissão durante o sexo oral, obteve-se respostas afirmativas com as seguintes frequências: 64,4% respostas afirmativas para Sífilis, 47,5% para Gonorreia, 90% para Herpes, 53,4% para HPV, 61,2% para HIV, 35,2% para Clamídia, 13,7% para Hepatite A, 27,9% para Hepatite B, 21,9% para Hepatite C, e 5% para Zika (Gráfico 3). Apenas um participante apontou dengue como transmissível através de sexo oral e sete alunos deixaram em branco. Não se encontrou correlações entre o conhecimento de transmissão sobre cada doença e uso regular de camisinha no sexo oral ($p > 0,05$).

Gráfico 3 - Conhecimento sobre o risco de transmissão de doenças no sexo oral desprotegido pelos estudantes do Departamento de Ciências da vida - UNEB em 2020.



Discussão

A idade média dos participantes encontrada nesse estudo coincide aos resultados encontrados em outros artigos que também analisam sexualidade em universitários (ANTUNEZ; MATHIAS, 2013; FONTE et al., 2018; GRAVATA; CASTRO; BORGES-COSTA, 2016; ZHANG et al., 2013). Assemelha-se também à média nacional de idade dos universitários no Brasil, segundo o censo realizado pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2019. Outros dados como a caracterização de sexo da amostra deste estudo também se aproximam aos oficiais divulgados pelo MEC, e os encontrados na literatura que abordam essa temática, nos quais essa população é composta em maioria pelo sexo feminino (ARAGÃO; LOPES; BASTOS, 2011; ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR, 2018; GIRALDO et al., 2013; GRAVATA; CASTRO; BORGES-COSTA, 2016).

No que se refere ao estado civil, a maioria dos estudantes se declarou como solteiro(a). Visto que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a média de idade de casamento é 30 anos para homens e 28 anos para mulheres (IBGE, 2017) e a amostra da pesquisa não se encontra nessa faixa etária, logo os resultados encontrados são condizentes com a média da população brasileira. A etnia parda e preta é majoritária na amostra, concordantes com os dados étnicos encontrados pela Pesquisa Nacional do Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) graduandos(as) das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) no estado da Bahia (ASSOCIAÇÃO DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, 2018).

A renda média nominal familiar per capita dos(as) discentes é de R\$1.328,08, muito próxima da renda nominal mensal domiciliar per capita da população residente no Brasil, que, em 2018, é de R\$1.373,00 (IBGE, 2017). Todavia, regionalmente há discrepâncias, pois Norte e Nordeste encontram-se abaixo da renda média nacional. Nesta amostra, os dados que foram encontrados corroboram com os dados nacionais e regionais. É importante notar que, em um país marcado por profundas desigualdades sociais e educacionais, o(a) estudante universitário(a) não faz parte da camada mais pobre da população, já que os setores mais pobres e miseráveis nem mesmo chegam a concluir o Ensino Médio, principal fator de exclusão ao Ensino Superior (ASSOCIAÇÃO DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, 2018).

O contexto sociodemográfico é um fator associado às primeiras experiências heterossexuais de jovens. As chances de experimentar a primeira relação sexual e desta ser heterossexual, com sexo oral aumenta rapidamente durante a adolescência e no início da 2ª década. À medida que os jovens envelhecem, eles podem estar cada vez mais propensos a modificarem o comportamento sexual, experimentarem novas práticas, especialmente se eles experimentaram atração sexual pelo mesmo sexo (MAYRA et al., 2017). A literatura

indica que ainda existente a pressão para se envolver em relações heterossexuais, devido à heteronormatividade social, a qual está correlacionada com características demográficas, familiares e sociais (REIS; DOS SANTOS, 2011). A amostra encontrada na pesquisa está em consenso com os achados na literatura que apresentam relações heterossexuais como mais prevalentes, no entanto, evidencia-se a atividade sexual com pessoas do mesmo sexo em parcela de jovens de 18 a 29 anos do presente estudo (BLANC MOLINA; ROJAS TEJADA, 2018; COPEN; CHANDRA; FEBO-VAZQUEZ, 2016; MOSHER; CHANDRA; JONES, 2005).

Muitos participantes deste estudo selecionaram as opções “não se aplica” ou não respondeu alguns itens do questionário, podendo tratar-se da parcela que ainda não iniciou a vida sexual (GRUNSEIT et al., 2005). Mesmo que a coitarca geralmente ocorra antes da entrada do estudante na universidade, há uma quantidade considerável de alunos entre 18-22 anos de idade, que corresponde a transição entre a adolescência e vida adulta, sendo essa etapa da vida importante para o acontecimento das primeiras experiências sexuais (ANTONSSON et al., 2022; COPEN; CHANDRA; FEBO-VAZQUEZ, 2016; GIRALDO et al., 2013).

Observou-se nesta pesquisa que a frequência de sexo oral é tão prevalente quanto o sexo vaginal. Essa constatação também está presente na literatura (BLANC MOLINA; ROJAS TEJADA, 2018; CAETANO et al., 2010; FALCÃO-JÚNIOR et al., 2007; GRUNSEIT et al., 2005) e vários fatores contribuem para esse fenômeno como a iniciação da vida sexual através da prática do sexo oral (GUZZO; LANG; HAYFORD, 2019), sendo esta uma modalidade de sexo de preferência (SANCHES; TEIXEIRA; RODRIGUES JÚNIOR, 2021).

Em relação à quantidade de parceiros, os resultados obtidos concordam com outros estudos, uma vez que a média dos participantes seria em torno de uma parceria de sexo oral, no último ano (ARAGÃO; LOPES; BASTOS, 2011; GODOY-FLORES; LEE-MUÑOZ, 2019; HOLWAY; HERNANDEZ, 2018). Apesar de não ter havido correlação entre quantidade de parcerias e proteção no sexo oral, é importante ressaltar que a confiança no parceiro foi um item escolhido por considerável parcela dos participantes como motivo de não uso de camisinha. Isso pode estar relacionado à errônea percepção existente entre os jovens de menor ou nenhum perigo de transmissão de IST quando se tem parceiro fixo, sendo que o risco está verdadeiramente associado à prática de sexo desprotegido com indivíduo, com infecção pré-existente, ainda que este seja parceiro único e fixo (ARAGÃO; LOPES; BASTOS, 2011).

No âmbito da prevenção, o uso de camisinha no sexo oral é pequeno quando comparado com as outras práticas sexuais, bem como descrito em outros artigos (BLANC MOLINA; ROJAS TEJADA, 2018; CAETANO et al., 2010; HOLWAY; HERNANDEZ, 2018). Comportamentos sexuais como relações sexuais inseguras e multiplicidade de parceiros, são mais frequentes entre adolescentes e adultos jovens (entre 15 e 24 anos), que iniciam vida sexual ainda sem a percepção de risco. Fatores associados à admissão na universidade podem aumentar a ocorrência desses comportamentos, uma vez que implicam uma série de mudanças sociais na vida do indivíduo, como residir longe do núcleo familiar, aumento do ciclo social, participação em atividades sociais como festas e convenções (SCULL et al., 2020).

A prevenção de IST's é a principal motivação para o uso de condom, porém é significativo a quantidade de jovens que nunca utilizaram preservativo no ato sexual oral (GRAVATA; CASTRO; BORGES-COSTA, 2016). A razão de “sentir melhor” o prazer da prática oral sem a utilização da camisinha é uma justificativa presente nas escolhas do jovem universitário (CAETANO et al., 2010). Essa mesma afirmação também é feita para o não uso de proteção no sexo vaginal. Contudo, a maior discussão sobre a importância da prevenção de IST e a criação de condom cada vez mais sofisticados fez com que aumentasse a adesão ao preservativo masculino. O mesmo poderá ser feito no que tange ao sexo oral. A confiança no parceiro é outro fator que impede o uso de métodos que deixariam o sexo oral mais seguro (CAETANO et al., 2010; GIL-LLARIO et al., 2022; HILLE; CLÓVIS MARZOLA, 2014), cabendo à discussão sobre o cuidado conjunto para IST entre as parcerias. Além disso, outro fator que pode explicar a ocorrência da discrepância entre o uso de camisinha no sexo penetrativo vaginal em detrimento das demais práticas é o uso de preservativo com o objetivo de prevenir a gravidez, negligenciando a prevenção das IST's (BLANC MOLINA; ROJAS TEJADA, 2018).

É preocupante ter uma quantidade significativa de estudantes da área da saúde que nunca pensaram a respeito da autoproteção do sexo oral. A população do estudo é uma pequena amostra do universo acadêmico, que se espera ter um maior conhecimento sobre assuntos relativos à saúde, demonstrando uma lacuna significativa na promoção de saúde sexual dentro desses cursos de graduação. Ademais, como futuros

profissionais da saúde, esses alunos são importantes formadores de opinião na sociedade e, posteriormente, serão responsáveis pelo combate da transmissão de IST's nos serviços de saúde (ARAGÃO; LOPES; BASTOS, 2011; SILVA; CAMARGO; IWAMOTO, 2014). Evidencia-se que a temática sobre a prevenção do sexo oral necessita ser mais bem explorada no meio acadêmico, no intuito de alcançar a população para além dos muros da universidade.

No que se refere à proteção do sexo oral nas pessoas com vulva, percebe-se que há um grande desconhecimento sobre outras formas de proteção além da camisinha masculina. Sabe-se que embora existam métodos alternativos como dental dam, papel filme, máscaras específicas para sexo oral, essas são ferramentas que carecem de estudos comprovando sua eficácia na proteção de IST's e tampouco são divulgadas no meio acadêmico e na comunidade (GODOY-FLORES; LEE-MUÑOZ, 2019; RICHTERS; CLAYTON, 2010). Não oferecer métodos efetivos de proteção para pessoas com vulva e vagina é um grave problema de saúde pública, uma vez que além de tornar milhares de pessoas vulneráveis a infecções, há um apagamento da própria sexualidade dessas pessoas e da sua liberdade de decidir sobre o próprio corpo. Logo, torna-se imprescindível levantar essa problemática no intuito de fortalecer o direito das pessoas com vulva e vagina ao cuidado de sua saúde física e sexual.

Neste estudo não se encontrou correlação estatística significativa entre gênero e uso de camisinha no sexo oral, porém Blanc Molina e colaboradores (2018) encontraram evidências que as mulheres usam preservativo com mais frequência durante o sexo oral boca-pênis do que os homens no sexo oral boca-vulva. Essa diferença pode ser justificada pelo fato que o uso do preservativo se limita mais à felação, ou seja, a proteção do pênis pelo uso da camisinha masculina e pelo desconhecimento de outras formas de prevenção como o uso do preservativo vulvar no sexo oral nas pessoas com vulva (BLANC MOLINA; ROJAS TEJADA, 2018). Esses achados concordam com os dados apresentados por esta pesquisa.

Quanto ao conhecimento sobre as doenças transmitidas pelo sexo oral, notou-se um bom grau de conhecimento para Herpes, HIV e Sífilis, contudo, uma deficiência em relação a Gonorreia e Clamídia (CAETANO et al., 2010; FONTE et al., 2018; GRAVATA; CASTRO; BORGES-COSTA, 2016; ZHANG et al., 2013), doenças sexualmente transmissíveis bastante prevalentes, e HPV, cuja infecção acarreta risco importante de câncer de boca. A falta de correlação entre o conhecimento e o curso de graduação sugere que esse desconhecimento ocorre de forma semelhante independente das peculiaridades de cada curso de graduação da saúde. Essa desconexão encontrada entre o conhecimento dessas infecções com o uso de camisinha demonstra que a prática de sexo oral de risco envolve a influência de diversos aspectos socioculturais, além de apenas o conhecimento sobre os riscos biológicos do ato sexual desprotegido.

Conclusões

Por meio deste estudo, conclui-se que a prevalência do sexo oral é tão alta quanto ao sexo penetrativo vaginal na população estudada, porém o uso de preservativos na prática oral é reduzido, o que demonstra um fator de risco importante para transmissão de IST. Há também um importante desconhecimento sobre métodos alternativos de prevenção no sexo oral nas pessoas com vulva. Ainda, pode-se concluir que apenas o conhecimento não é o fator mais definidor e relacionado ao uso regular de camisinha durante o sexo oral, com fatores socioculturais e conhecimentos sobre comportamento sexual intimamente implicados nessa temática. Faz-se necessário que os alunos da área da saúde sejam capacitados sobre sexualidade e prevenção de IST, no intuito de viabilizar a capilarização dessas informações para a comunidade geral.

Tem-se como limitações do estudo não poder estabelecer com precisão causa e efeito dos eventos aqui apresentados por ser um estudo transversal. Além disso, por ser uma amostra de conveniência e se tratar de um assunto rodeado de tabus, não se conseguiu alcançar todos os alunos do departamento e nem a todas as informações possíveis. Por ser de cursos da área da saúde, a amostra pode ter um maior conhecimento em relação aos demais universitários. Esses dois fatores citados podem gerar um viés de seleção e não se pode generalizar os resultados aqui encontrados com o resto da população universitária. Não foi feita também a divisão entre o conhecimento de acordo com o semestre do aluno, que pode influenciar no nível de conhecimento sobre a transmissão e prevenção de IST's. Apesar desses fatores limitantes, este artigo possui implicações importantes para a prática, pois incentiva a discussão no meio acadêmico sobre sexualidade, diferentes práticas sexuais entre os jovens, além do uso de preservativos, fomentando a produção de mais

RBSH 2022, 33, e1058, 1-13

trabalhos sobre essas temáticas. Outrossim, possibilita melhor compreensão sobre essa problemática e amplia o debate científico sobre a importância do sexo oral seguro na população jovem universitária.

Referências

- ANTONSSON, A. *et al.* Sexual debut and association with oral human papillomavirus infection, persistence and oropharyngeal cancer—An analysis of two Australian cohorts. *International Journal of Cancer*, v. 151, n. 5, p. 764–769, 1 set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ijc.33986>
- ANTUNEZ, M. E. M.; MATHIAS, C. R. J. C. *Saúde oral e doenças sexualmente transmissíveis*. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/enfermeria/resource/pt/abr-352>. Acesso em: 30 maio. 2022.
- ARAGÃO, J. C. S.; LOPES, C. S.; BASTOS, F. I. Comportamento sexual de estudantes de um curso de medicina do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 35, n. 3, p. 334–340, set. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-55022011000300006>
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES 2018*. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/encompif.2020.11069>
- BEARZOTI, P. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 52, n. 1, p. 113–117, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0004-282x1994000100024>
- BLANC MOLINA, A.; ROJAS TEJADA, A. J. Uso del preservativo, número de parejas y debut sexual en jóvenes en coito vaginal, sexo oral y sexo anal. *Revista Internacional de Andrologia*, v. 16, n. 1, p. 8–14, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.androl.2017.02.009>
- BRASIL. *et al.* *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas Com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)*. [s.l]: [s.n.]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-4974202100001.especial>
- BRÊTAS, J. R. S. *et al.* Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 22, n. 6, p. 786–792, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-21002009000600010>
- BROTTO, L. *et al.* Psychological and Interpersonal Dimensions of Sexual Function and Dysfunction. *The Journal of Sexual Medicine*, v. 13, n. 4, p. 538–571, 1 abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2016.01.019>
- CAETANO, M. E. *et al.* Sexual behavior and knowledge of sexually transmitted infections among university students in Sao Paulo, Brazil. *International Journal of Gynecology and Obstetrics*, v. 110, n. 1, p. 43–46, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijgo.2010.02.012>
- CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). *STD Risk and Oral Sex*. Disponível em: <https://www.cdc.gov/std/healthcomm/stdfact-stdriskandoralsex.htm>. Acesso em: 30 maio. 2022.
- CHAN, P. A. *et al.* Extragenital Infections Caused by Chlamydia trachomatis and Neisseria gonorrhoeae: A Review of the Literature. *Infectious Diseases in Obstetrics and Gynecology*, v. 2016, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2016/5758387>
- COPEN, C.; CHANDRA, A.; FEBO-VAZQUEZ, I. Sexual Behavior, Sexual Attraction, and Sexual Orientation among adults aged 18-44 in the United States: Data from the 2011-2013. National Survey of Family Growth. *National Health Statistics Reports*, n. 92, p. 2006–2010, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-007-5512-3_4
- DAHLSTROM, K. R. *et al.* Sexual Transmission of Oral Human Papillomavirus Infection among Men. *Cancer Epidemiology Biomarkers & Prevention*, v. 23, n. 12, p. 2959–2964, dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1158/1055-9965.epi-14-0386>
- FAIRLEY, C. K. *et al.* Models of gonorrhoea transmission from the mouth and saliva. *The Lancet Infectious Diseases*, v. 19, n. 10, p. e360–e366, 2019. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/s1473-3099\(19\)30304-4](https://doi.org/10.1016/s1473-3099(19)30304-4)

FALCÃO-JÚNIOR, J. S. P. et al. Profile and Sexual Practical of College Students from Health Area. *Esc Anna Nery R Enferm*, v. 11, n. 1, p. 58–65, 2007.

FERNÁNDEZ-LÓPEZ, C.; MORALES-ANGULO, C. Lesiones otorrinolaringológicas secundarias al sexo oral. *Acta Otorrinolaringologica Espanola*, v. 68, n. 3, p. 169–180, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.otorri.2016.04.003>

FONTE, V. R. F. et al. Young university students and the knowledge about sexually transmitted infections. *Escola Anna Nery*, v. 22, n. 2, p. 1–7, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0318>

GIL-LLARIO, M. D. et al. HIV and STI Prevention Among Spanish Women Who have Sex with Women: Factors Associated with Dental Dam and Condom Use. *AIDS and Behavior* 2022, v. 1, p. 1–10, 5 jul. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10461-022-03752-z>

GIRALDO, P. C. et al. Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 35, n. 9, p. 401–406, set. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-72032013000900004>

GODOY-FLORES, F.; LEE-MUÑOZ, X. Conocimientos, conductas y motivos en los métodos preventivos para prácticas sexuales ororeceptivas en estudiantes de odontología. *Revista clínica de periodoncia, implantología y rehabilitación oral*, v. 12, n. 1, p. 23–26, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4067/s0719-01072019000100023>

GRAVATA, A.; CASTRO, R.; BORGES-COSTA, J. Study of the sociodemographic factors and risky behaviours associated with the acquisition of sexual transmitted infections by foreign exchange students in Portugal. *Acta Medica Portuguesa*, v. 29, n. 6, p. 360–366, 2016.

GRUNSEIT, A. et al. Stability and change in sexual practices among first-year Australian university students (1990-1999). *Archives of Sexual Behavior*, v. 34, n. 5, p. 557–568, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-005-6281-x>

GUZZO, K. B.; LANG, V. W.; HAYFORD, S. R. Teen Girls' Reproductive Attitudes and the Timing and Sequencing of Sexual Behaviors. *Journal of Adolescent Health*, v. 65, n. 4, p. 507–513, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.05.018>

HILLE, F.; CLÓVIS, M. Desvendando os mistérios do sexo oral. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 25, n. 2, p. 77–80, 28 mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v25i2.156>

HOLWAY, G. V.; HERNANDEZ, S. M. Oral Sex and Condom Use in a U.S. National Sample of Adolescents and Young Adults. *Journal of Adolescent Health*, v. 62, n. 4, p. 402–410, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.08.022>

IBGE. *Estatísticas do registro civil 2017*. v. 44, p. 1–8, 2017.

MAYRA, A. et al. Adolescência, Gênero e Sexualidade: uma Revisão Integrativa. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v. 6, n. 1, p. 62–67, 24 abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v6i1.1114>

MELLO, V. M. et al. Increase in Hepatitis a cases linked to imported strains to Rio de Janeiro, Brazil: A Cross-Sectional Study. *Viruses*, v. 14, n. 2, p. 303, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/v14020303>

MOLEIRO, P. et al. Abordagem Sindrômica das Infecções Sexualmente Transmissíveis em Adolescentes. *Portuguese Journal of Pediatrics*, v. 46, n. 4, p. 414–421, 2015.

MOSHER, W. D.; CHANDRA, A.; JONES, J. Sexual behavior and selected health measures: men and women 15-44 years of age, *Advance data*, n. 362, p. 1–55, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/e609202007-001>

MOSMANN, J. P. et al. Sexually transmitted infections in oral cavity lesions: Human papillomavirus, Chlamydia trachomatis, and Herpes simplex virus. *Journal of Oral Microbiology*, v. 11, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/20002297.2019.1632129>

- NIMBI, F. M. *et al.* Editorial: Psychological Dimensions in Human Sexual Health and Behavior. *Frontiers in Psychology*, v. 12, p. 3563, 25 ago. 2021.
- PATEL, P. *et al.* Estimating per-act HIV transmission risk: a systematic review. *Aids*, v. 28, n. 10, p. 1509–1519, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/qad.000000000000298>
- PAULI, S. *et al.* Sexual practices and HPV infection in unvaccinated young adults. *Scientific reports*, v. 12, n. 1, p. 12385, 20 jul. 2022.
- REIS, C. B.; SANTOS, N. R. Relações desiguais de gênero no discurso de adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 10, p. 3979–3984, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-81232011001100002>
- RICHTERS, J.; CLAYTON, S. The practical and symbolic purpose of dental dams in lesbian safer sex promotion. *Sexual Health*, v. 7, n. 2, p. 103–106, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1071/sh09073>
- SANCHES, E. M.; TEIXEIRA, L. D. L.; RODRIGUES JÚNIOR, O. M. Opinião de Estudantes Universitárias sobre Sexo Oral em Relações Heterossexuais. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v2i1.909>
- SCULL, T. M. *et al.* The understudied half of undergraduates: Risky sexual behaviors among community college students. *Journal of American College Health*, v. 68, n. 3, p. 302–312, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07448481.2018.1549554>
- SILVA, L. P. E.; CAMARGO, F. C.; IWAMOTO, H. H. Comportamento sexual dos acadêmicos ingressantes em cursos da área da saúde de uma universidade pública. *Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde*, v. 3, n. 1, p. 39–52, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18554/2317-1154v2n1p3>
- STROME, A. *et al.* Youths' Knowledge and Perceptions of Health Risks Associated With Unprotected Oral Sex. *Annals of family medicine*, v. 20, n. 1, p. 72–76, 1 jan. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1370/afm.2761>
- TRAN, J. *et al.* Kissing, fellatio, and anilingus as risk factors for oropharyngeal gonorrhoea in men who have sex with men: A cross-sectional study. *E Clinical Medicine*, v. 51, p. 101557, set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2022.101557>
- VLASTARAKOS, P. V.; GKOUVALI, A.; KATSOCHI, D. Attitudes and Parameters Affecting the Behavior Toward Precursor Symptoms of Head and Neck Cancer. *Ear, Nose and Throat Journal*, v. 98, n. 6, p. E58–E63, 1 jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0145561319840881>
- ZHANG, D. *et al.* Sexual behaviors and awareness of sexually transmitted infections among Chinese university students. *Journal of Infection in Developing Countries*, v. 7, n. 12, p. 966–974, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.3855/jidc.3872>

Recebido em: 12/06/2022

Aprovado em: 20/10/2022